



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO
DE BRAGANÇA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO – FAGED**

CARLA JULYANA VALE RIBEIRO

**A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A
LIBERTAÇÃO:** a história de uma mulher negra e analfabeta que acreditava no
poder do saber.

BRAGANÇA-PA 2026.

CARLA JULYANA VALE RIBEIRO

**A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A
LIBERTAÇÃO:** a história de uma mulher negra e analfabeta que acreditava no
poder do saber.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação, do
Campus Universitário de Bragança, da
Universidade Federal do Pará, como
requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr. ROBERTA
ALEXANDRINA DA SILVA

BRAGANÇA-PA 2026.

CARLA JULYANA VALE RIBEIRO

A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO PARA A

LIBERTAÇÃO: a história de uma mulher negra e analfabeta que acreditava no poder do saber.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação, do Campus Universitário
de Bragança, da Universidade Federal do Pará,
como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

.Data: 15/07/2026

Resultado: Excelente

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTA ALEXANDRINA DA SILVA**
Data: 27/07/2026 11:59:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Roberta Alexandrina Da Silva
Orientador/FACED/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **CESAR AUGUSTO MARTINS DE SOUZA**
Data: 24/07/2026 12:05:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. César Augusto Martins
(FACED/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 **LUIS JUNIOR COSTA SARAIVA**
Data: 27/07/2026 18:15:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Júnior Costa Saraiva
(FACED/UFPA)

Pra quem vem de raiz analfabeta, só tem uma frase que é certa; É a educação em 1º lugar! Tiago do Rosário

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança durante toda essa caminhada. Sem a Sua presença, nada disso seria possível.

Aos meus pais, Walkiria e Carlos Henrique, agradeço pelo amor incondicional, pelos ensinamentos, pelo apoio constante e por acreditarem em mim mesmo nos momentos mais difíceis. Vocês foram a base que me permitiu chegar até aqui.

Aos meus filhos, José Henrique e Carlos Eduardo, agradeço por serem a minha maior motivação. Cada esforço, cada noite de estudo e cada desafio enfrentado foram pensando em proporcionar um futuro melhor para vocês. Esta conquista também pertence a vocês.

Ao meu amigo Wallace, obrigada pela amizade sincera, pelas palavras de incentivo, pela parceria durante a graduação e por tornar essa caminhada mais leve e especial.

Por fim, dedico um agradecimento muito especial à minha avó, Vergelina do Rosário, protagonista desta pesquisa. Mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, ela acreditava profundamente no poder transformador da educação. Sua história de luta, coragem, generosidade e resistência ultrapassou gerações e inspirou não apenas este trabalho, mas também a pessoa e a profissional que me tornei. Escrever sobre sua trajetória foi uma forma de preservar sua memória, honrar seu legado e mostrar que a educação é capaz de transformar vidas. Esta conquista é, acima de tudo, uma homenagem à mulher extraordinária que ela foi.

A todos que fizeram parte desta caminhada, direta ou indiretamente, deixo meu mais sincero agradecimento

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória de Vergelina do Rosário, mulher negra, quilombola e analfabeta que, mesmo privada do acesso à educação formal, reconheceu o conhecimento como instrumento de transformação social e dedicou sua vida ao fortalecimento da educação e do desenvolvimento comunitário na comunidade de Alto Bonito e no Quilombo Bela Aurora, no município de Cachoeira do Piriá (PA). A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter biográfico, fundamentada em revisão bibliográfica, documentos históricos, registros familiares e entrevistas com familiares e moradores da comunidade. O estudo dialoga com autores que discutem educação, relações étnico-raciais, gênero e comunidades quilombolas, evidenciando as desigualdades históricas enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil. Os resultados demonstram que Vergelina exerceu importante papel como liderança comunitária, incentivadora da escolarização, promotora da cultura local e articuladora de ações voltadas ao bem-estar coletivo, deixando um legado que ultrapassa sua ausência de escolarização formal. Conclui-se que sua trajetória reafirma a educação como caminho para a emancipação humana, a resistência e a valorização dos saberes ancestrais, contribuindo para dar visibilidade às histórias de mulheres negras frequentemente silenciadas pela historiografia oficial.

Palavras-chave: Vergelina do Rosário; mulher quilombola; educação e resistência; Conhecimento ancestrais.

ABSTRACT

This study aims to present the trajectory of Vergelina do Rosário, a Black, (*quilombola*) Woman, and illiterate woman who, despite being deprived of access to formal education, recognized knowledge as an instrument of social transformation and dedicated her life to strengthening education and community development in the community of Alto Bonito and the Maroon community of Bela Aurora, in the municipality of Cachoeira do Piriá, Pará. The research adopts a qualitative, biographical approach, grounded in a literature review, historical documents, family records, and interviews with family members and local residents. The study engages with authors who discuss education, ethnic-racial relations, gender, and Maroon communities, highlighting the historical inequalities faced by Black women in Brazil. The results demonstrate that Vergelina played a significant role as a community leader, an advocate for schooling, a promoter of local culture, and an organizer of actions focused on collective well-being, leaving a legacy that transcends her lack of formal schooling. It concludes that her trajectory reaffirms education as a pathway to human emancipation, resistance, and the appreciation of ancestral wisdom, contributing to bringing visibility to the stories of Black women who are frequently silenced by official historiography.

Keywords: Vergelina do Rosário; quilombola woman; education and resistance; ancestral knowledge.

Listas de imagens

FIGURA 1 RG DE VERGELINA DO ROSÁRIO	10
FIGURA 2 FOTO DE VERGELINA.....	12
FIGURA 3 CONSTRUÇÃO DA PONTE QUE LIGA O PARÁ COM O MARANHÃO.....	13
FIGURA 4 VERGELINA E PAULO JOSÉ DO VALE EM 1979	14
FIGURA 5 FOTO DE VERGELINA DO ROSÁRIO NA FESTIVIDADE DE CRISTO REI	15
FIGURA 6 TRABALHADORES DA BR-316 EM 1970	16
FIGURA 7 CARTEIRA DA ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA	17
FIGURA 8 MAPA DA REGIÃO	17
FIGURA 9 : CRIANÇAS DA COMUNIDADE EM UMA FESTIVIDADE DA ESCOLA	18
FIGURA 10 ENTRADA DA CUMUNIDADE PELO RIO	18
FIGURA 11 DANÇA DE CARIMBÓ NO QUILOMBO DE BELA AURORA.....	19
FIGURA 12 HORTA COMUNITÁRIA NO QUILOMBO DE BELA AURORA	20
FIGURA 13 CARTEIRA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS	21
FIGURA 14 CARTEIRA DE TRABALHO DA DE VERGELINA DO ROSÁRIO	22
FIGURA 15 JADER BARBALHO CARLOS CARDOSO PREFEITO DE VISEU E SEU VICE - 1997	23
FIGURA 16 RECORTE DO JORNAL O LIBERAL QUE NOTICIOU O FALECIMENTO DE PAULO JOSÉ DO VALE.....	24
FIGURA 17 VERGELINA DO ROSÁRIO	26
FIGURA 18 FOTO DE VERGELINA DO ROSÁRIO E SEU NETO PETER JOUBERTH.	27
FIGURA 19 VERGELINA E OS NETOS EM 2014	28
FIGURA 20 VERGELINA É UM EXEMPLO INSPIRADOR E MERECE SER LEMBRADA POR GERAÇÕES.	30

Sumário

MULHERES INVISÍVEIS	10
VERGELINA, A EDUCADORA	12
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

MULHERES INVISÍVEIS

A educação é um dos pilares mais poderosos da transformação social, um caminho que conduz à libertação e à autonomia. Para aqueles que enfrentam barreiras históricas e estruturais, como a desigualdade racial e a exclusão educacional, o ato de aprender torna-se um ato de resistência.

Figura 1 RG de Vergelina do Rosário



Acervo pessoal do autor 2026

Segundo Sônia Maria Portella Kruppa, professora da Faculdade de Educação da USP, é impossível refletir sobre esses dados sem considerar as desigualdades estruturais do Brasil. Ao se deparar com os dados de analfabetismo e evasão escolar, que são maiores na região nordeste, percebe-se a influência de questões raciais nessa análise:

A população preta é maioria no Brasil, mas no nordeste essa proporção é mais acentuada. Se eu tenho essa junção de duas situações – uma situação estrutural de uma sociedade de classe que se alia a uma situação que é também estrutural de um passado escravista, que traz hoje um brutal preconceito -, eu vou ter uma incidência maior no Nordeste (Jornal da USP, 2013).

Este trabalho apresenta a trajetória de Vergelina do Rosário, mulher quilombola e analfabeta que, apesar das adversidades impostas pelas condições sociais e históricas de seu tempo, acreditava profundamente no poder transformador da educação. Sua história evidencia que o conhecimento ultrapassa os limites da escolarização formal e se manifesta por meio da sabedoria, da resistência e da valorização da coletividade. Nesse sentido, o trabalho tem a pretensão de ser uma biografia sobre como uma mulher negra teve um impacto local, principalmente na área da educação.

Para nossa personagem histórica, a educação era uma riqueza essencial. Os conhecimentos ancestrais de 'vijoca', como ficou conhecida Vergelina do Rosário, foram essenciais para os moradores da comunidade de Alto Bonito e quilombo de Bela Aurora. A sua proeminência é notória na comunidade, visto que, permanece ainda hoje na memória local. Alguns membros, os mais antigos, se referem à nossa personagem 'vijoca' como “uma mulher à frente do seu tempo ao longo de sua trajetória, enfrentou muitos desafios, mas nunca desistiu”. Seu exemplo, como de muitas outras mulheres negras esquecidas no Brasil, demonstra que o conhecimento não científico é uma força capaz de abrir portas antes fechadas, dando voz a quem por muito tempo foi silenciado. Veremos nesse trabalho, uma breve história de superação, e uma jornada que simboliza como uma mulher negra, analfabeta e quilombola impactou a educação local. É a prova de que, com determinação e acesso ao saber, é possível reescrever a própria história e inspirar outras gerações a fazerem o mesmo.

A escolha do tema justifica-se pela escassez de estudos voltados à comunidade quilombola de Bela Aurora, localizada no município de Cachoeira do Piriá (PA). Grande parte das pesquisas existentes privilegia o protagonismo masculino, tornando invisíveis as contribuições das mulheres quilombolas para a construção da história, da cultura e da educação da comunidade. Portanto, nesse sentido, o trabalho vai em direção contrária, ao vislumbrar uma mulher que modificou a comunidade e foi referência para a educação comunal.

Segundo Gonzales (1984), quando se fala da figura da mulher, só se referem como donas de casa, parideiras, cozinheiras e artesãs, e o seu papel e o seu lugar sempre foram muito bem definidos neste país: “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, cobradora de ônibus ou prostituta” (GONZALES, 1984, p.226).

VERGELINA, A EDUCADORA

A nossa personagem histórica se chama Vergelina do Rosário, nascida no dia 20 de Outubro de 1936, na vila de Caranandeua, no estado do Maranhão; sendo filha de Antônio do Rosário, advindo de Cururupu com alguns escravizados, e Júlia do Rosário, moradora nativa de Caranandeua. Contudo, como num momento decisivo da vida de qualquer heroína, Antônio do Rosário faleceu jovem, ocasionando na criação da Vergelina e dos cinco irmãos por Júlia do Rosário.

E, nesse sentido, começa a história. Semelhante à de muitas meninas, que desde criança trabalhou como cuidadora e empregada doméstica, para que pudesse ter em troca de roupas ou de algo que sua família precisava. Se casou aos treze anos de idade e tendo seis filhos, com o primeiro marido. Mesmo grávida, ainda trabalhava na lavoura de subsistência e na pesca, auxiliando seus filhos, seus irmãos e sua mãe viúva.

Figura 2 Foto de Vergelina



Acervo pessoal do autor 2026

Entretanto, teve um viés na vida, devido às dificuldades financeiras que passava, além, do abandono e da traição do seu primeiro marido, que fugiu com uma comadre. Abandonada grávida e com os cinco filhos, se vendo em dificuldades, teve a decisão de dar o último filho para uma amiga, futura comadre, que não tinha filhos.

Numa reviravolta da vida, Vergelina, em meados de 1966, teve um envolvimento amoroso com um rapaz, mas por conta da família o repudiou, ocasionando o fim do relacionamento e uma tentativa fracassada de suicídio do mesmo. A família do rapaz, a culpando, faz com que saísse fugida da cidade e a direcionasse para a casa de uma prima que viviam na BR-316, entre o Pará e o Maranhão. Essa fuga, foi um ponto de virada na qual trabalhou como cozinheira e lavadeira.

Figura 3 Construção da ponte que liga o Pará com o Maranhão



Acervo pessoal do autor 1965

A fuga dela foi incentivada pela família e, principalmente, pela irmã, Paulina, e pelo esposo da irmã, que cuidaram dos seus filhos até se estabelecer e vir pegá-los. Segundo relatos de familiares, viajou de barco e numa marcha a pé por longos dias, para que finalmente chegasse no KM-74 da Pará-Maranhão.

Por meados de 1967, indo para a vila do Piriá conheceu Paulo José do Vale, advindo de Maracanã, também, a procura de trabalho. Os dois estreitaram o relacionamento e construíram uma família. Casada com Paulo José do Vale, engravidou e buscou os seus filhos que tinha permanecido com sua irmã, a Paulina trouxe somente três filhos sendo que os outros se casaram e não quiseram, ficar com a mãe.

Figura 4 Vergelina e Paulo José do Vale em 1979



Acervo pessoal do autor 2026

Vergelina chegou, junto com Paulo José do Vale, em Alto Bonito em Fevereiro de 1968, construiu sua casa e neste período da abertura e construção da estrada a BR-316. Conseguiu um lugar, um salão grande, para montar um restaurante e vender refeições, principalmente, para trabalhadores da estrada. Vendia de tudo, a preços mais acessíveis e muitas vezes trocava a comida por trabalho. No seu restaurante realizava festas como quadrilhas, boi-bumbá, carimbó, e festas religiosas dedicadas a festividade de Cristo Rei, da Igreja Católica.

Figura 5 Foto de Vergelina do Rosário na festividade de Cristo Rei



Acervo pessoal do autor 2026

Assim Vergelina conhecia todos de Alto Bonito e ribeirinhos que vinham comprar em seu comércio, não perdia a oportunidade de conhecer cada um e ajudava as pessoas com benefícios de aposentadoria, levava as pessoas com seus próprios recursos aos médicos

Figura 6 Trabalhadores da BR-316 em 1970



Acervo pessoal do autor 2026

Segundo Gonzales, o contato com o público exige “educação” e “boa aparência”. Quanto a minoria de mulheres negras que, nos dias de hoje, atingiram níveis mais altos de escolaridade, o que se observa é que, apesar de sua capacitação, a seleção racial se mantém (GONZALES, 2020, p. 57). Como foco de resistência os quilombos eram comunidades formadas por africanos escravizados e seus descendentes desde o período colonial brasileiro. Essas comunidades eram formadas por escravos que fugiam da escravidão, sendo um local onde viviam em liberdade e resistiam à escravidão. Nos quilombos não viviam apenas africanos escravizados, mas também índios e brancos livres.

De acordo com o depoimento de um morador da Bela Aurora:

Vergelina era uma negra quilombola assumida, uma mulher muito trabalhadeira, respeitava as culturas do quilombo, fazia quadrilha, carimbó, boiada, ajudava no boi-bumbá da comunidade, ela era responsável por doar o couro do boi e por providenciar as licenças

para que a festividade da comunidade pudesse acontecer, uma pessoa que morreu, mas que deixou um legado de ensinamentos (Carlos João Caldas, representante da comunidade de Bela Aurora, entrevista realizada em 26 de maio de 2025).

Figura 7 Carteira da Associação Quilombola



Acervo pessoal do autor 2026

Figura 8 mapa da região



Fonte: Google earth, 2026

Antigamente a única escola que tem na comunidade só funcionava até o 4 ano, fazendo com que as crianças quilombolas tivessem de sair do quilombo e ir para vila de Alto Bonito estudar, muitas crianças vinham a pé pelas margens do rio e outros de canoas. Atualmente a prefeitura de Cachoeira do Piriá disponibilizou um barco escolar para transportar esses estudantes.

Figura 9 : Crianças da comunidade em uma festividade da escola



Fonte: Acervo de Carlos João Caldas- 2001

Figura 10 Entrada da comunidade pelo rio



Fonte: Acervo de Carlos João Caldas- 2001

A educação é historicamente um instrumento de ascensão social e empoderamento especialmente para grupos marginalizados. Mulheres negras enfrentam barreiras estruturais, como o racismo e o sexismo que dificultam seu acesso a escolarização e ao mercado de trabalho. Este trabalho é relevante porque evidência como o desejo pelo conhecimento pode ser um fator de resistência e superação, inspirando futuras gerações.

Figura 11 Dança de Carimbó no Quilombo de Bela Aurora



Fonte: Acervo de Carlos João Caldas 2001

Os meios que rodeiam a mulher negra refletem sobre as práticas sociais que elas vivenciam, o racismo e o sexismo presentes no plano de dominação da sociedade brasileira que definem o local dessa mulher deve estar posicionada, delegando lugares de inferioridade e opressão. Em que suas necessidades são suprimidas em virtude do modelo machista.

De acordo com Jessika Santos (2023) é perceptível na mídia e nas pesquisas de classificação que a mulher negra se encontra no topo das desigualdades sociais no que diz respeito a renda, desemprego, nível de escolaridade, violência e vários outros. A mulher negra na sociedade é observada, do ponto de vista da qualificação profissional, como a doméstica totalmente submissa aos caprichos dos patrões, ou como a mulata que se tornou

uma profissão altamente alienável para jovens negras em nossa conjuntura económica e social.

Figura 12 Horta comunitária no Quilombo de Bela Aurora



Fonte: Acervo de Carlos João Caldas 2001

O Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2022, aponta que pessoas quilombolas, a partir dos 15 anos, eram 2,7 vezes mais analfabetas do que a população residente no Brasil. Esse grupo etário também é o que apresenta maior deficiência educacional.

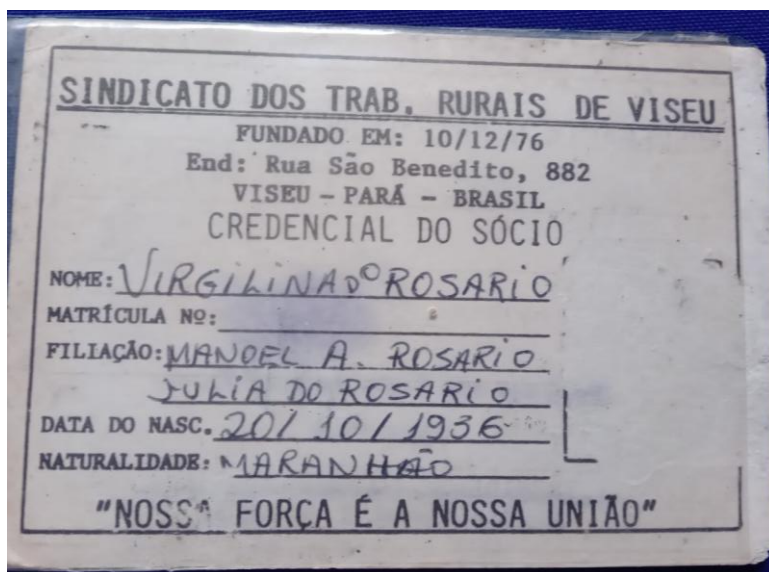
A população mais carente no Brasil tem sido beneficiada por diferentes políticas, mas as comunidades quilombolas parecem mais desfavorecidas por estarem situadas em comunidades em regiões geográficas estabelecidas por meio de resistência, explica o professor Barzotto.

São afrodescendentes, às vezes agregados a um contingente de descendentes, de grupos étnicos que já estavam no Brasil antes da colonização e isso faz com que os Poderes deixem essas comunidades mais à margem em função desses fatores. São várias as características que colocam essas comunidades mais à margem do que as outras e, de algum modo, suscite em

alguns setores mais antipatia por elas (JORNAL DA USP, 06 de setembro de 2024).

Vergelina, era envolvida na política e apresentava candidatos para a população, principalmente, aqueles que pudessem beneficiar a comunidade. A prioridade dela era o ensino, mesmo sendo analfabeta. O problema da comunidade era que somente tinha o ensino fundamental, até a quarta série, e, portanto, ocasionava que as pessoas paravam de estudar.

Figura 13 Carteira do Sindicato dos Trabalhadores Rurais



Acervo pessoal do autor 2026

Figura 14 Carteira de trabalho da de Vergelina do Rosário



Acervo pessoal do autor 2026

Numa iniciativa pioneira, Vergelina, juntamente com seu esposo, Paulo José do Vale, sua filha Wânia e com o apoio do prefeito Carlos Cardoso prefeito de Viséu, implantaram o quinto ano na vila de Alto Bonito.

Figura 15 Jader Barbalho Carlos Cardoso prefeito de Viseu e seu vice - 1997



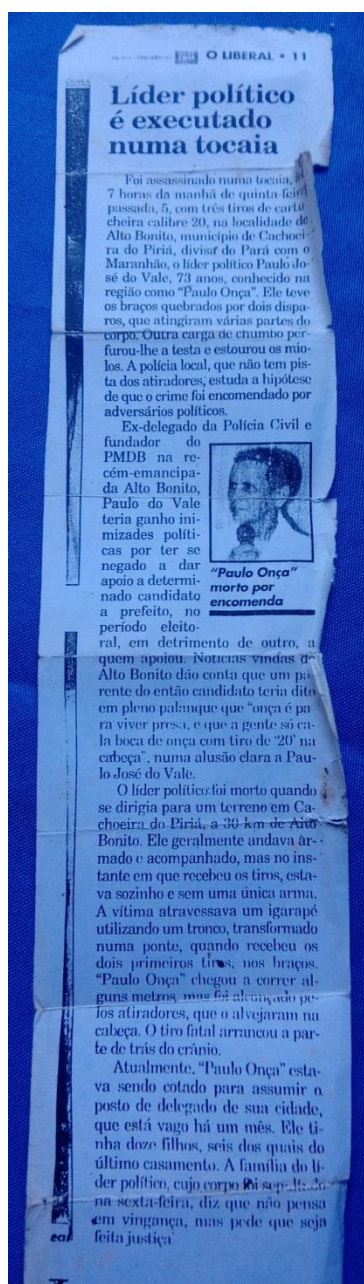
Acervo pessoal do autor 2026

Quando se fala de comunidade quilombola percebemos que os estudos não são prioridades para as famílias, tendo em vista que homens e mulheres precisam trabalhar, mas o índice é maior entre as mulheres pois elas têm que dar conta dos serviços da roça, cuidar de casa e dos filhos e acabam que não tendo tempo e nem opção de escolher estudar, pois muitas se casaram jovens como um meio de escapar das dificuldades.

Para Jessika Santos (2003) não é à toa que quando uma mulher negra fala sobre as desigualdades sociais vivenciadas por ela no Brasil em um determinado círculo de discussões não recebe a devida credibilidade, mas quando uma branca o faz, os holofotes se voltam para tal acontecimento.

Contudo, todo o percurso de Vergelina, foi cravado com mais um acontecimento terrível, a morte do esposo Paulo José do Vale. Envolvido na política e delegado de Polícia Civil, foi um dos fundadores do PMDB na recém-emancipada Alto Bonito por muitos anos; e, infelizmente, por conta do seu trabalho adquiriu muitos amigos e, também, inimigos devido a sua profissão, tanto que no dia 05 de junho de 1997, foi assassinado numa tocaia indo em direção ao seu terreno. Foi um crime de grande repercussão, sendo preso os assassinos, contudo, sem saber quem foi o mandante.

Figura 16 Recorte do jornal O LIBERAL que noticiou o falecimento de Paulo José do Vale.



Acervo pessoal do autor 2026

Recorte de Jornal do noticiando o assassinato de Paulo José do Vale

Mesmo com todas as dificuldades continuou sua vida na terra com o apoio dos filhos, amigos e netos criados. Prosseguiu desenvolvendo seus trabalhos na comunidade e nunca pensou em vender suas terras, apesar de receber várias propostas de compra.

No seu terreno ela tinha uma plantação de bananas, criação de carneiros, galinhas, patos, além de uma casa de farinha. Era desse local que a mesma

tirava o seu sustento e, com isso, ganhava dinheiro suficiente para suprir suas necessidades e ainda ajudar sua família e a comunidade.

Mesmo sendo analfabeta, Vergelina criou os filhos e estes se direcionaram para a educação. Suas filhas Walkiria e Wânia professoras concursadas do estado do Pará e do Maranhão, Tiago é professor e atualmente Secretário Adjunto de Educação em Boa Vista do Gurupi. As netas foram pelo mesmo caminho, Marileia é uma professora aposentada, Polyana médica em São Paulo, Évila é advogada e outros, como no meu caso, seguiram para a educação e para a pedagogia.

Depoimentos de alguns moradores da comunidade

- 1) Vergelina foi uma mulher à frente do seu tempo pode-se dizer hoje.
- 2) Mulher empoderada, que não media esforços para ajudar as pessoas mais idosas e as crianças. Sempre buscava estar ajudando as pessoas com trabalho, ensinando a viver na sociedade, era alegre companheira e determinada. Trabalhava com restaurante, fazia festas, como quadrilhas, boi- bumbá e carimbó para ela não existia tempo ruim, sempre ela dava uma solução. Tinha muitos amigos, compadre e comadre, gostava sempre de estar com pessoas. Ela não media esforços para contribuir nas atividades escolares, quando acontecia o desfile de 7 de setembro ela comprava as roupas para aquelas crianças que os pais não podiam arrumar para desfilar, sentia prazer em servir o próximo (Walkiria do Rosário Vale 58 anos, filha da homenageada entrevista realizada em 24 de maio de 2025).
- 3) Dona vergelina foi uma pessoa que sempre gostou de fazer animação, na época do festejo de Cristo Rei ela era uma das pessoas da frente e em época de quadrilha ela sempre ajudou,(Raimundo Soeiras 83 anos ,entrevista realizada em janeiro de 2026).
- 4) Ela deu nome à essa comunidade, mulher trabalhadeira vivia para a comunidade, terreno e filhos, fez muitas coisas boas para

o nosso lugar. Principalmente festividade de Cristo Rei que já era esperado o Rauland, que a gente sente saudade hoje, nunca mais esse som veio aqui, ela era a única que trazia esse som aqui. Enfim só não dava o coração porque não podia tirar, mas o que ela podia contribuir e ajudar cada pessoa, sorriso maravilhoso. A gente perdeu uma mulher muito querida para a nossa comunidade (Maria Valcenira Matias 57 anos, moradora da comunidade, entrevista realizada em 28 de maio de 2025).

Figura 17 Vergelina do Rosário



Acervo pessoal do autor 2026

- 5) Uma pessoa excepcional que ajudou a criar os netos, eu sou um deles, uma pessoa batalhadora nunca mediu esforços para ajudar ninguém, e a vida que ela sempre quis foi essa de ajudar quem ela pudesse, os familiares principalmente e essa foi a vida dela, uma vida de batalhas, uma vida que não foi fácil, graças a deus tudo que ela pensou para os filhos e netos dela deu certo que era o que ela sempre falava, que era analfabeta mas que não

queria que os filhos e nem os netos fossem, batalhou muito pra isso e podemos dizer que deu certo. Uma pessoa guerreira na vida, um exemplo de pessoa (Peter Joubert Moraes Vale 40 anos, neto da homenageada entrevista realizada em 29 de maio de 2025).

Figura 18 foto de Vergelina do Rosário e seu neto Peter Joubert.



Acervo pessoal do autor 2026

- 6) Era uma mulher forte e resiliente, popular em muitos lugares. Apesar de analfabeta, tinha sabedoria sobre muitos assuntos. Sempre foi ativa em eventos e reuniões comunitárias, foi uma figura marcante no crescimento da comunidade, ajudava muitas pessoas. Sempre que podia, dava sugestões de melhorias e contribuiu significativamente com a construção da cultura local.

Apesar de analfabeta, ela compreendia o valor da educação, sempre incentivou a família e qualquer pessoa da comunidade a estudar e buscar melhorias. Ela sabia que a educação tem o poder de transformar vidas e reescrever histórias. Deixou um legado de força e resistência (Danielle do Rosário, neta da homenageada entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2026).

Figura 19 Vergelina e os netos em 2014



Acervo pessoal do autor 2014

- 7) Com imensa gratidão a Deus em poder falar de Vergelina do Rosário, eu Mariléia do Rosário sendo sua primeira neta, que desde minha infância tive a honra dada por Deus em ser criada pela mesma. Durante todo meus dias fui criada com carinho e respeito. Minha avó Vergelina apesar de ser uma pessoa analfabeta nunca deixou de incentivar-me ao estudo sempre mostrava o quanto era importante concluir os estudos.

Vergilina do Rosário era uma mulher empoderada pra sua época realizava momentos culturais em festas juninas, festejos na Igreja Católica , Assembleia de Deus e não fazia distinção de pessoas sempre estava a serviço do próximo.

Assim, por toda sua participação em comunidade independente de crença ,hoje é uma pessoa muito lembrada por sua participação em sociedade e ,seu legado permanece muito forte mesmo depois de sua partida (Marileia do Rosário 57 anos, primeira neta da homenageada entrevista realizada em 24 de novembro de 2025).

Conclusão

As trajetórias de escolarização de grupos étnicos historicamente marginalizados no Brasil, em especial os coletivos negros, são marcadas por processos persistentes de exclusão, negação de direitos e desigualdades estruturais de raça e gênero.

Figura 20 Vergelina é um exemplo inspirador e merece ser lembrada por gerações.



Tais processos constituem heranças históricas do sistema colonial europeu, responsável pela produção de hierarquias sociais, raciais e culturais que permanecem fortemente presentes na sociedade brasileira contemporânea. No caso das mulheres brasileiras descendentes de grupos étnico-raciais historicamente minorizados, como as afrobrasileiras, o acesso à educação formal foi, por séculos, sistematicamente negado. A história de Vergelina, parte do pressuposto que mesmo em condições adversas, temos uma personagem que vislumbra na educação um processo transformador.

Por fim, espera-se que esse trabalho contribua para o fortalecimento de pesquisas sobre histórias de mulheres esquecidas. Portanto, Vergelina é um grande exemplo de mulher, mãe, esposa, filha, avó e líder comunal que influenciou uma comunidade e conseguiu construir uma escola, para que gerações futuras pudessem entender o poder transformador da educação.

Abaixo gostaria de finalizar esse trabalho com um cordel, feito por um dos filhos.

Vergelina um exemplo
 Vou narrar este cordel
 Com simples vocabulário
 Pra falar de uma pessoa
 Que dispensa comentário
 Uma grande brasileira
 Uma maranhense guerreira
 VERGELINA DO ROSÁRIO

E de antemão vos digo:
 Foi minha genitora
 Um grande exemplo de mãe
 Querida, protetora,
 Sua saga de vida
 Foi de uma vencedora
 E aqui vou narrar
 Um pouco da sua história
 Dentro da minha visão
 E do que vier na memória
 Pois sua história de vida
 Não merece ser esquecida
 É de um legado de glória

O papel de nosso pai
 Não podemos ignorar
 Pois foi algo crucial
 Pro nosso caráter formar
 Dele, tínhamos a proteção
 Mas coube a nossa mãe a missão
 De saber educar.

Eu sempre fui bom de memória
 E algo que pra mim foi marcante

Lembro bem de minha mãe
Vendendo comida em seu restaurante
O tempo passou e a clientela sumiu
E ela então construiu
Um salão de festa dançante.

Foi aí que seu nome
Começou a se propagar
Além das festas, tinha um comércio
E também um pequeno bar.
Foi um tempo de expansão
E as melhores aparelhagens da região
Contratava para tocar.

Tornou-se uma grande incentivadora
Da cultura na região
Festa que ela fazia
Era uma grande atração
Seu papel na cultura, foi relevante
E uma das festas mais importantes,
Eram as noites de São João.

Convidava com antecedência
Todas as comunidades.
Como ela mesma dizia:
"Gente de toda paragem"
O evento durava dois dias
Todo mundo se divertia
Uma grande festividade.

Grupos de danças regionais
Convidava pra dançar
Com destaque pras quadrilhas,
Que vinham se apresentar.

E registrado em minha memória
Tá o boi valioso de Bela Aurora
Esse não podia faltar.

E falando em boi valioso
Ela não só convidava
Ela também o patrocinava
Ajudando mulheres e homens
E dessa forma seu nome
Mais e mais se propagava.

Lembrando que nessa época
Eu era um pré-adolescente
E outro fato curioso
Que não saia da minha mente
É que ela era analfabeta
Mas tinha uma mente tão aberta
Que ajudava a aposentar gente.

Mas se tratando de Vergelina
Tudo tinha explicação
Pois as vezes ela falava
Com muita convicção
“quem sabe se comunicar
Pra vê, ouvir e falar
Pode entrar e sair
Em qualquer repartição”

Apesar de analfabeta
Sempre nos incentivou a estudar
Pois o que um dia passou
Não queria nos vê passar
E quem trilhou esse caminho
Nunca se sentiu sozinho

Não tem do que reclamar.

E nossa família de um modo geral,
Tem muito do que se orgulhar.
Cada um fez suas escolhas,
Com o intuito de prosperar.
Temos médica, advogada, professores
Efetivos ,8 servidores,
Só difere o patamar.
Pra quem vem de raiz analfabeta,
Só tem uma frase que é certa;
-É a educação em 1º lugar!

Minha mãe em nossa região,
Teve um papel relevante
Na cultura regional,
Sua história é triunfante
Sentia prazer em ajudar
Não escolhia causa pra lutar.
Às vezes, auxiliar o próximo
Era o mais importante.

Se eu fosse aqui falar,
De todo o seu real valor
Passaria a vida toda,
Sem esgotar o meu teor
Ser filho dela, me honra.
Pois hoje, sou professor.
E sem fazer mais comentário
Foi Tiago do Rosário.
Desta obra; o autor.

Referências Bibliográficas

BARZOTTO, Valdir Heitor. "Analfabetismo na comunidade quilombola". Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/analfabetismo-na-comunidade-quilombola-e-tres-vezes-maior-que-no-restante-da-populacao/>. Anexo: 04 junho de 2025.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SANTOS, Jessika Cristina Silva. Das memórias ancestrais à resistência feminina: a construção da identidade das mulheres quilombolas dos Rufinos-PB. 2022. 180 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4613>. Acesso em: 03 jun. 2025.